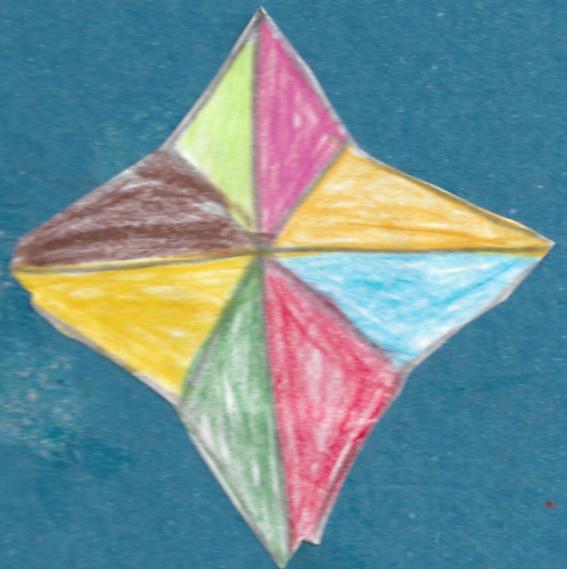




Editora
O esconderijo
das vontades

MOLHO DO A HISTÓRIA DO TÁRTARO



Autor e ilustrador: Lucas Tossin Cayón



A História do
Mosho tártaro

LUCAS TOSSIN CAYON

DIA 25 DE SETEMBRO

No final de um dia de outono de 1715, em Copenhague, se encontrava um bosque lindo, com suas folhas terracotas e marrons espalhadas pelo chão. A graciosidade era eterna. O sol já ia se pondo com uma brisa suave e fria, típica de outono, né? No fim desse bosque, existe uma hospedagem desconfortante e barulhenta, mas, por outro lado, é bem bonita com seus azulejos e paredes de pedra, e eu, Joshua, trabalho aqui, na cozinha (é bem chato, viu?).

Eu tenho 1 metro e 60 e poucos centímetros, tenho um cabelo desarrumado e alto, uso roupas de garçom vinho-tinto e um pouco camponesas e meu olho direito é muito torto, enquanto meu esquerdo é normal. Bom, estávamos fazendo o jantar, que naquela hora parecia mais uma festa.

-Vamos, rápido! Eles querem mais!- gritou madame Louei, a nossa patroa. Era branca, alta, veste uma jaqueta de couro de bezerro como suas calças, sapatos sempre limpos, nariz longo, olhos negros e um colar de conchas vermelhas e marrons. Muito comprometida com o trabalho, se vê elegante e mandona, mas tem um bom coração. Ficamos duas horas cozinhando, até que eles voltassem para suas habitações. Tínhamos que limpar tudo depois do nosso jantar. E começou a chover. Depois, a nevar. O gelo já ia adentrando o hotel e ia dominando o lugar: era o outono mais frio da minha vida!

Uma hora, nós pegaríamos pneumonia se não nos esquentássemos logo. Mas, madame Louei viu aquilo e acendeu a lareira. Eu disse satisfeito:

- Muito obrigado, Madame Louei.

Eu não disse que ela tinha um coração bom!

Terminamos de limpar à meia-noite e fomos embora. Andamos pelo bosque molhado pela chuva que ainda caía. Nós nos despedimos e fomos andando no meio das folhas com crostas de gelo.

Eu peguei a carroça de carona para casa com um colega e tentei conversar com a criatura!

Desculpem, com ele:

- Caraca, eu ainda não acredito que parou de chover!

Ele simplesmente respondeu com um arto e gritou como se estivesse se engasgando uma galinha inteira com penas esticando o pescoço:

- Pára cocheiro!

O cocheiro parou com um ar constrangido e misterioso, e deixou ele na saída do bosque. Eu vi ele andando mancando, ou alguma coisa do tipo, já que sou estrábico.



DIA 26 DE SETEMBRO

Aáááááááááá, tudo se repete. Limpa, Cozinha, Limpa, Cozinha, Atende o cliente, Limpa.....

Até essa noite. Isso mudou minha vida completamente. Naquela noite chuvosa, um homem estranho chegou na porta. Tinha um longo cabelo loiro e sujo, olhos azuis hipnotizantes, uma barba longa e suja com tranças, roupa de marinheiro rasgada e com o pé direito sem sapato. Ele parecia um morador de rua chucu¹. Logo, Madame Louie disse:

- Quer comer alguma coisa?

Nós ficamos fazendo discretamente com a cabeça "Não, não", e assim, cordialmente respondeu:

- Não, não estou com fome.

Nós fizemos um "Ufa!" discreto. Ele parou uns segundos e me olhou perpetuamente com seus olhos hipnotizantes; depois, desmaiou.

-Ai, meu Deus, alguém leve ele para um quarto!!!!!! , você, Josh- Disse madame Louie em pânico, apontando o dedo para mim. Assim, eu tive que levá-lo a um quarto.



¹ Chucu: no dialeto gaúcho, que tomou algumas.

DIA 27 DE SETEMBRO

Alguém tocou o sininho, Joshua!!!!!!!!!!!!!! Tem, tem outro!!!!!! Vai Júlia, vai!!!!!!- gritou Madame Louie agitada e afobada. Nós obedecemos, e, Júlia foi pela direita e eu pela esquerda. Fui correndo pelas escadas de madeira com tapetes marrons-chocolate com adornos dourados bordados. Cheguei à porta de madeira lixada e lá estava o homem estranho, sentado na borda da cama. Já tinha entrado nos quartos do hotel, óbvio, mas nunca percebi como eles eram. Tinham paredes brancas com adornos de pedras azuis e roxas em um granito cinza, móveis de madeira lixada com, como eu deduzi, uma lixa alemã (raridade, aqui, em Copenhague), janelas grandes com uma vista do final do bosque, cortinas de seda fina indiana e camas com uma estrutura de madeira frágil, quebrada, arranhada, desenhada por anéis, mofada e partida ao meio (aliás, aqui não é lugar tão chique, já que geralmente os hóspedes estão chucos). Antes de perguntar qualquer coisa, ele falou:

-Chame eu de R.R.R...

Ele tossiu fortemente e eu sentei do lado dele para dar tapinhas nas costas dele. Depois, levantei. Ele se acalmou e disse:

-Por quê saiu? Sente-se, moleque -disse R.R.R rouco.- Estou doente, estou morrendo, pouco a pouco. Alguém precisa ser meu sucessor, e esse sucessor é você.

Eu não acreditava. Achava que estava brincando comigo. Foi o que eu respondi:

-Olha, acho que veio ao lugar errado, sabe? Arrhhh... não gosto desse hotel, mas com certeza não sou sucessor de um chucu que vive nas ruas.

-E se eu disser que nós, piratas, somos mesmo festeiros?

-Anhhhh.....

Fiquei sem resposta. Quando eu era criança, sempre brinquei de piratas e a marinha, e sempre gostei de piratas, mas nunca falei, pois minha família era do lado da marinha (Blá,blá,blá), então deixei em segredo. Quando cresci mais um pouco, com 15 anos de idade, a marinha percebeu que muitas crianças que cresciam se tornavam piratas, e não como ao gosto da marinha, como

bem já falei várias vezes. Então, quando cresci mais, fui deixando de lado essa vontade de ser pirata, e, aos 18, deixei a casa vermelha e vim trabalhar no hotel, onde estou há 8 anos. Queria ser, digamos, normal. Mas hoje, isso tocou meu ser. Me deu uma chama clara de esperança dentro de mim dizendo que queria ser pirata. Mas minha mente reagiu dizendo que não, que muito perigoso era, e queria a vida normal, de hotel. Ia falar que não, que estava perdendo meu tempo e que tinha tido esses 5 minutos por nada. Mas ele reagiu mais rápido. Talvez pelo seu instinto pirata ou por estar morrendo, apertou seus olhos a ponto de ficar só as pupilas azuis cintilantes, olhando aleatoriamente ao telhado, e virou a cabeça com algo nas mãos. Era um espátula de cabo de ferro talhado com roscas de rum, a ponta era feita de ossos unidos por algo nojento, que era cola de lesma. Ele acenou a cabeça que sim, como se eu estivesse entendendo, e disse paranoicamente, virando seus olhos para trás, deixando só um espaço branco vazio:

-o fogo que sai das veias

são pedras do fim.

mas se o fim é o começo

a vida vai acabar.

7 dragões a terra,

6 pedaços de pão

5 navios ancorados

tragarão solas de sapato.

4 roubos noturnos

3 ilhas sobrarão

na rota do vento

2 cálices de fogo

1 papel soltarão

só algum sultão

poderá pegar o papel

e dizer do mundo pro céu

"você não existe. Somos todos parte do sonho de Brahma."

Eu fiquei de boca aberta, esquecendo de tudo o que ia dizer. Imediatamente, chorei. R.R.R só se ajoelhou perante mim e me entregou a espátula.

-Eu também acho forte, mas agora você é meu verdadeiro sucessor. Vá ao Port Moresby e entre no Selaney e você poderá ser pirata. Pegue a espátula.

Eu peguei a espátula e a escondi. Saí correndo pelas escadas, com meu coração batendo forte. Cheguei no pátio principal e disse a Madame Louie:

-Madame, eu programei uma viagem de barco, e já vai sair, então tchau.

-Tá bom... e, e, e, e os clientes? o sininho? URRRRGHHHH!!!! os jovens são tão sem noção....

Eu corri, corri, corri, corri tão rápido que pedi uma carroça. Cheguei ao Port Moresby em 30 minutos. Quando eu desci da carroça, fiquei cara a cara com o Selaney. Eu entrei no Selaney e vi a maioria das pessoas jogando cartas. Eles se viraram e me viram. Todos pararam, calados. Um deles se arriscou e disse com desgosto e deboche:

-O que veio fazer aqui, hein? Tá procurando o papaizinho, é? ãnhhhh...que fofinho. Que pena, por que não o vimos!

Todos no bar começaram a rir. Eu fiquei tão envergonhado e bravo que peguei a espátula do meu bolso e a coloquei no ar, brandindo-a nervosamente. O mesmo cara que debochou de mim, disse, sentando-se em uma cadeira:

-Hahahaha.....parece que meu rival chegou.... Meu rival chegou!!!! Hahahahahahahah!!!!!!Hihihihi!!! esperei 30 anos por isso.... Mentira!!! só foi 2!!!! Hahahaha, uhuhuhuhu....Uih. Bom vamos nos levantar. Sou Silver 6 dentes ,melhor, só Silver, Bebê. Polotch².

Eu fiquei com muita raiva e aceitei:

-Polotch, Silver, bebê.

Na hora, a pessoa de cabelos loiros sujos, magra, 6 dentes amarelos, roupas marrons desbotadas e valentão estava no chão, deitado, sofrendo e eu disse firmemente:

² Polotch é como falar "começou o jogo!".

- Se acha o cara que manda, o valentão alfa, mas na hora que o outro devolve, chora como um bebezão, né? Silver bebê.

Na hora ele levantou e gritou como se tivesse recebendo um raio, colocando o dedo para cima:

-Polotch!!!!!!!

E então a competição começou. Fomos aos nossos lugares na escura cozinha com 300 teias de aranhas, com certeza menos, pois sou estrábico (se lembra?). Começamos a cozinhar, usando nossas espátulas. Eu não sabia o que Silver estava cozinhando, mas era muito estranho. Parecia uma geleca de cerveja misturada com pernas de rato e batatas raladas, sem dizer que o cheiro era horrível. Enquanto cozinávamos, chegou uma tripulação que parecia respeitável, pois levantaram as cadeiras para eles sentarem, e parecia que quem ganhasse iria como cozinheiro naquela tripulação. Eu fiquei bastante nervoso, mais sabia que deveria fazer o meu melhor. Eu vi um cara daquela tripulação cochichando no ouvido de outro enquanto olhava para mim. Fiquei tão nervoso que fiquei com cara de velho. A competição continuou por mais uns tensos 8 minutos. Quando terminou, levamos os pratos para o que parecia ser o capitão. Mas ele perguntou algo sobre o capitão deles, e outro respondeu tão baixinho que eu não ouvi. O que perguntou nos viu e baixou seus oculinhos de meia-lua, os recolocou e pegou os dois pratos rapidamente. Primeiro, devorou ferozmente a comida de Silver, a pegando nas mãos e balançando-a, até comer tudo. Depois ele falou pausadamente:

- Normal demais.

Silver o olhou perplexo. Depois, foi a hora do meu prato. Ele misturou e começou a devorar, balançando as mãos. Uma hora ele hesitou e ficou paralisado por dois minutos. Depois, deu uma mordida, deixou-a no prato, e a comeu mais devagar. Eu não entendi o porque, e nunca entendi, só entendia que minhas mãos suavam muito. Pinte um sorriso abafado em minha cara quando o homem terminou, mas só me encarou e não disse nada, me deixando *super* nervoso.

-Bom, finalmente, temos um ganhador depois de dois anos conse....

-Não, foram 4!!!

- Mentiroso, foi 1!!!

- Uhhhhh!!! Foram 7!!!

- Que nada, foram 20 anos!!

-Quê?- Gritaram todos ao pirata velho que apostara os 20 anos - 20 anos?

-Sim?

- Não!

Então o pirata velho suspirou

-Foram 6, 6 gente!!!

-Abababbnhhh.....

- Foram 3!!!

E então começou a discussão. O pirata velho, estava triste e o julgador pirata, impaciente.

- Chega, tá bom.

Mas eles não deram bola e continuaram discutindo. Já irritado, o pirata gritou:

-Calem a boca, seus patifes!!!

Todos se calaram de imediato.

- Continuando...o vencedor é...

Esse momento foi um dos de maior tensão na minha vida. Se perdesse, perderia meu emprego, minha vida e moraria nas ruas de Copenhague, resumindo, perderia tudo. Por outro lado, se eu ganhasse, bem, ganharia tudo. Apertei meus lábios com força e até que enfim, disse ele o ganhador:

-S....

Na mesma hora, Silver pulou e chutou tudo que via e zombou, apontando seu dedo fino e sem carne:

- Toma essa, seu Zé ninguém bêbe patife burro do mundo dos idiotas!!!! Melhor, o bebê quer ser chamado pelo nome.... tsc,tsc,tsc...e sabe qual é seu nome??? João! Peão! República norueguesa! qualquer que seja seu nome!!!hahahahahahahahahahahahaha!!!!

- Senhor jovem de cara preocupada que morde os lábios muito forte e foi insultado inúmeras vezes por Silver, você ganhou.

- Eu escutei direito? Você acabou de dizer que... esse... neném... ganhou?

-Sim, ele ganhou.

-Pffff.... Mentira. Você falou o S de Silver!!

- De Senhor, cachorro incontrolável

-Mentiroso

-Não, sou verdadeiro. ELE ganhou.

- Humhumhumhumhum...hahahahaha...aiaiaia...vocês ouviram? Digam que é mentira, por que é. Eu SOU O MELHOR. Vamos, digam a verdade, garotos.

Ninguém disse uma palavra que concordava com Silver. Ele fez um bico de raiva e olhou para o juiz pirata. Quando Silver ia lhe xingar, ele disse calmamente:

-Eu sei do que vai me chamar, mas, aceite a derrota. Seu navio naufragou.

- Não, não, não, não. Vocês estão brincando comigo.

-Não, é serio

- Ô-ô quê?

- Sim, VOCÊ perdeu e ELE ganhou

Silver começou a correr desesperançado, e pulou pela janela. O juiz se sentou junto ao seu colega de tripulação, recolocou os óculos e me perguntou:

-Seu nome, por favor.

-Joshua, senhor

- Ótimo, Joshua. Venha, vamos mostrar a tripulação.

Ele assegurou as minhas costas e me levou até a porta do Selaney. Saímos do bar e seguimos reto em direção ao porto. Eu olhei para trás e vi Silver tonto caído em meio de barris de rum. Eu só ri perante isso. Depois virei minha cabeça e vi um homem de costas vendo alguma coisa. Vi que sussurrava alguma coisa, o quê era mesmo? Ah, sim, uma canção. O pirata se adiantou e disse ao homem de costas alguma coisa, e conversaram por 2 minutos. Então, ele voltou e o homem de costas se virou. Era um homem de trajes marrons desbotados, botas desferradas, pernas peludas, tinha um toca vermelha, tinha dreads e tinha uma cara amigável. Ele sorriu e chegou perto de mim, com seus dentes amarelos, disse:

- Bem-vindo a tripulação, Joshua. Eu sou o capitão, Dexeter Jetser. Este é o contramestre, Octopus.

Ele apontou ao pirata do julgamento. Era pequeno, de cabelos brancos, com oculinhos de meia-lua, com roupas vermelhas berrantes e um livro cor vinho tinto.

- Este é o artilheiro, Bon Terri.

Era o colega que estava junto com Octopus. Este já tinha uma altura média, um corpo musculoso, roupas pretas, também tinha dreads, tinha um ar irritado e pinturas no rosto brancas e amarelas.

- Este é o vigia, Martinez, este é o carpinteiro, Muscatar e este é o timoneiro, Mhuir Hatra.

Martinez era magro, sem camisa, com calças verdes rasgadas cheias de itens estranhos, sapatos de couro e um cabelo preto longo. Já Musacatar tinha uma cabeça grande com um queixo triangular, uma regata azul, uma calça que parecia de alguém fugido da prisão e um cabelo ruivo espetado. Mhuir Hatra tinha um cabelo preto com manchas brancas, tinha várias pulseiras em seus braços, traje laranja e getas³.

- Este aqui, ó, é o médico, Can Zio

Can Zio tinha olhos castanhos, um jaleco branco com jatos pretos, calças rosa, mãos queimadas e com cicatrizes, acessórios em um cinto preto entre o jaleco e a calça, e tinha o cabelo totalmente raspado.

- Aqueles são os mais importantes: Castor, Simuabe e Calabo.

-Por quê?

- Por que são os músicos, uai.

Castor, Simuabe e Calabo eram idênticos, só com algumas diferenças. Todos tinham barbas raspadas, roupas cinzas e botas de prata. Um deles tinha um chapéu cinza, outro tinha uma toca cinza e uma capa cor prata reluzente e o outro tinha um chapéu marrom escrito "Calabo".

- Ah, também tem ela, a combatente. Ela se chama Carmen. Nunca se meta em uma briga com ela, que você nunca volta vivo.

³ Getas: sandália ou tamanco de madeira usada geralmente no Japão.

Eu não falei nada. Carmen tinha um cabelo loiro, um chapéu azul com uma caveira pirata com uma pena de papagaio vermelho, roupas brancas e um ar de quem vai destruir tudo no mundo daqui a pouco.

- Também temos mais uns trinta marujos, mas não dá tempo de contar, por que eu quero zarpar logo e.... venham logo!!!! o que estão esperando?!?

- Nada, senhor!- Gritaram coletivamente.

Todos foram entrando lentamente no barco, enquanto ele me guiava ao barco que todos iam. Íamos mais lentamente, enquanto ele olhou para mim e disse:

- E você é o cozinheiro.

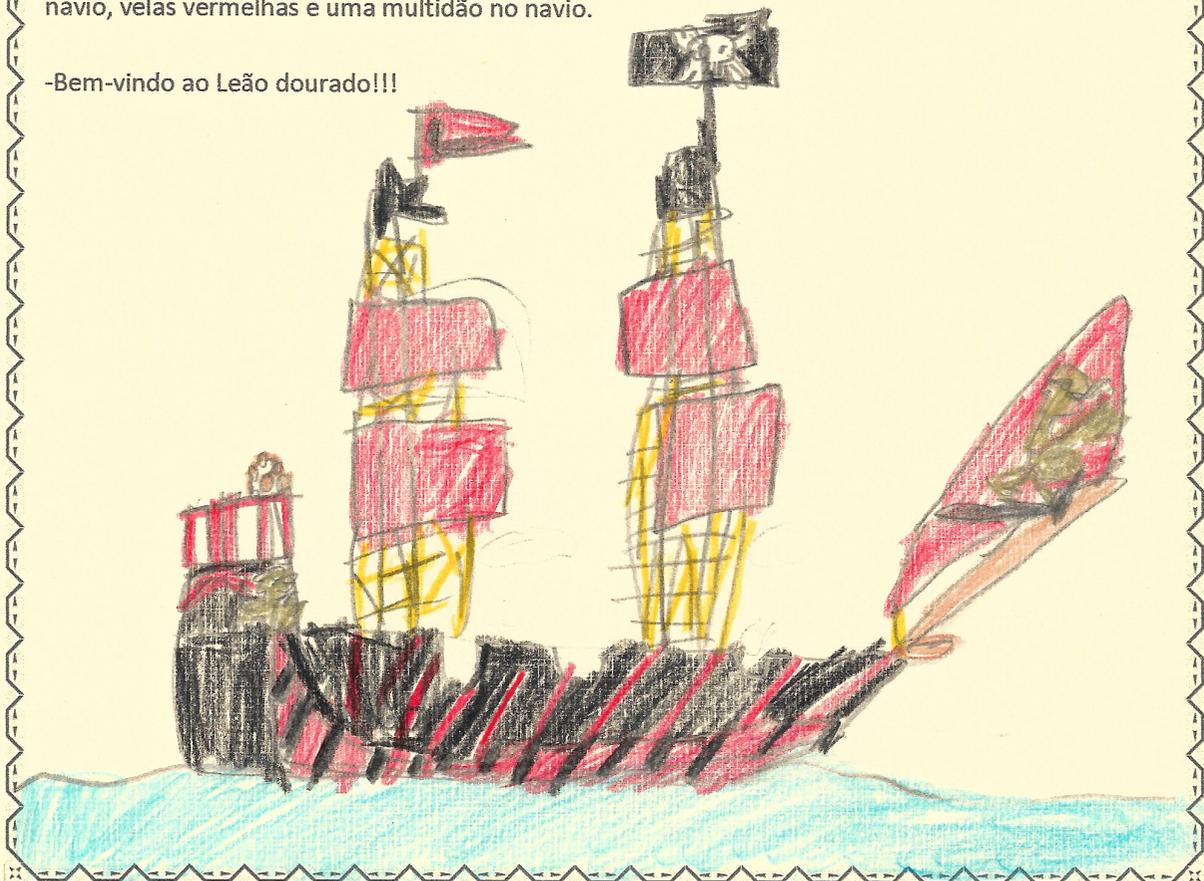
Nós seguimos um caminho de madeira e chegamos no píer. Ele foi correndo, e eu fui atrás. Ele uma hora parou, e quando eu cheguei, ele disse:

- Majestoso este navio, não é?

-É!

Estávamos na frente de uma fragata preta com linhas vermelhas e um leão dourado na proa do navio, velas vermelhas e uma multidão no navio.

-Bem-vindo ao Leão dourado!!!



DIA 7 DE OUTUBRO

Lembra o que eu disse há uma semana atrás, que se eu fosse da tripulação, ganharia? Pois bem, me arrependi de dizer isso. Em vez de termos aventuras, passamos os dias limpando o convés e cozinhando e comendo aquela geleca. Não acredito no que eu disse, mas achava melhor nem ter dado ouvidos a R.R.R. Eu agora estava limpando o chão do navio junto com uns 300 caras de toca. Mhuio Hatra estava no timão indo em direção ao leste, com um céu azul-claro limpo. Já que o barco não precisava de consertos, Muscatar também estava limpando. Carmen estava, na corda do mastro, gritando para trabalharmos. Martinez estava em cima do mastro, fingido estar vigiando, mas na verdade estava cochilando. O capitão estava andando pelo timão, conversando com Mhuio Hatra. Octopus saía do quarto do capitão apressado e ia para o quarto dos marujos. Estava cansado de estar no mar limpando. Decidi reclamar com o capitão quando ele passasse, e se não desse certo, iria fazer igual do que nos livros de piratas: motim. Quando ele passou, eu joguei meu pano e fui confrontá-lo.

- Capitão, acho este trabalho idiota. Deveríamos estar em aventuras, derrotando um monstro gigante, ou coisa do tipo. Isso não é ser pirata, seu trouxa!

- Meu jovem Joshua, ser pirata não é só se aventurar destruindo barcos e afundá-los ao inferno. Sim, faz parte e é divertido, mas tem que trabalhar também.

Eu já ia lhe xingar, mas, por sorte, chegou o Octopus.

- Capitão! capitão!

- Que foi, contramestre?

- Pombo correio! Uma carta para o senhor- Disse Octopus, esfregando suas mãos apressado.

- Hummmm....interessante.

Ele abriu o envelope e ficamos do lado do capitão para ler a carta. Dizia:

Caro Dexeter Jetser

Te convindo à festa no meu palácio para inaugurar a caixa-forte de Sevilha com mais de 1000 dobrões de ouro. Isto não é por ser um pirata que é respeitado por piratas inferiores, e sim por me ajudar na Baía de Koparnock, Rússia. Quero vê-lo em 13 de outubro. Sua tripulação é bem-vinda.

Cordialmente,

Emílio Coronado González, Duque de Sevilha

Eu fiquei impressionado. Um pirata....ser convidado...a um banquete....de um...duque? Achei que não aceitaria. Mas ele disse:

- Vamos ir. Contramestre?

- Hum?

- Mude o curso para a Baía de Setuctor. Vamos ao casebre de pedra de Portarié o mais rápido possível. Avise Carmen e Mhuio Hatra para ir a Baía de Setuctor.

- Sim, senhor!

Octopus foi correndo e subiu nas cordas para avisar Carmen. Eu perguntei:

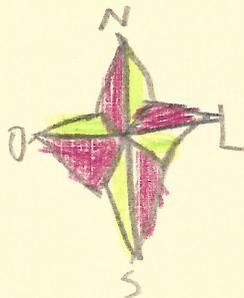
- Chegaremos na Baía de Setuctor quando?

Ele fez caretas e chutou:

-2 dias.

- Ok. Você ganhou. Vou trabalhar.

- O faça e não reclame, então.



DIA 9 DE OUTUBRO

Ainda estávamos em alto mar quando era o segundo dia que Dexeter Jetser falou. Eu estava bravo. Queria motim. Iria fazê-lo naquela noite. Se não fosse por isso, claro. Já eram 8 da noite e estava a chamar os marujos para fazer o motim. Quando ia chamar o primeiro marujo para fazer parte do motim, Grandargnh, Octopus gritou:

- Chegamos! chegamos! é a Baía de Sectutor!

Eu saí correndo do quarto dos marujos e vi: Estávamos em um pântano. Tinham cipós para todos os lados, com um trechinho de rio muito sujo, com cálices de pratas e pratos dourados e azuis flutuando. Chegamos a um píer escrito "*Albadus Cactus Arae Coerus*". O capitão explicou que seu amigo Portarié era químico ex-pirata procurado e que dizia Algo de um Cactus no Ar que pode ser Corrosivo. Todos disseram que não fazia sentido e ele disse:

- Claro que não faz sentido, é um código, por isso não faz sentido.

Todos fizeram um "Ahhhhhhh". O capitão disse que quem iria na casa seria Ele, Octopus, Muscatar, Carmen e eu. O resto reclamou e ele disse que Bon Terri, Martinez, Castor, Calabo, Trinidad (um marujo) e Can Zio iriam e o resto ficaria no navio. O nosso grupo e o grupo de Martinez subimos no píer. Nós deixamos eles um centímetros atrás e fomos até uma porta de metal, na qual o capitão bateu. Uma portinhola se abriu e perguntou "Quem é? Senha." Então o capitão olhou para os dois lados e sussurrou "*Canelus Al Questo, Simio Partidae Num Silabo*". A porta se abriu, mas não tinha ninguém. Nós entramos cautelosos, por outro lado, o capitão e Octopus entraram tranquilos. No fundo, uma voz do escuro gritou "*Mon Ami! Bonjour!*" e, então, acendeu uma luz. Portarié era um velhinho com uma larga barba branca, rugas por todo o rosto, olheiras roxas, nariz empinado; era corcunda, tinha um chapéu azul e amarelo com uma pena branca, uma cacatua em seus ombros, um jaleco azul, uma camisa vermelha listrada de branco, suja de penas de cacatua, sapatos marrons e uma mancha verde-radioativo no seu sapato direito.

- Sigam-me, por aqui.

Todos nós fomos juntos. Ele hesitou e virou, perguntando:

- Quem são eles?

- Eles são Joshua, Muscatar e Carmen.

- Prazer em conhecê-los.

Nós balançamos as cabeças. Continuamos a seguir reto e ele abriu a penúltima porta. Tinha paredes de pedra, uma pequena janela verde no alto e uma mesa de madeira com tubos de ensaio e vários componentes de vidro com uma substância verde-radioativa.

- Me desculpem *la baguncé*, estava fazendo experimentos, hehehehe.

Ele então chegou na mesa e derrubou tudo, fazendo expelir um cheiro horrível.

- Tudo bem, tenho muitos mais. Bom, querem um lanchinho? Tenho queijo, pão, salame e chá. Por favor, sentem-se.

- Portarié, viemos te pedir um favor.

- Fale.

- Queremos você nos ajudando em um plano.

- Que plano?- Perguntei.

- Silêncio, Imbecil! *Esto es una conversación de adultos!* Acho que deveríamos deixá-lo fora, *no?*- Disse irritada Carmen.

- Desculpe, jovem, mas concordo. Você ainda é jovem. Tome seu chá e sua cadeira, por favor.- Disse chateado Portarié. Eu sai da sala e fiquei do lado de fora irritado. Como assim não era adulto, eu já tinha 26 anos, por favor! Dei um gole no meu chá e tentei escutar o que eles diziam. Mas só ouvi Portarié dizer que estava muito velho para uma missão dessas, e que queria continuar vivendo em paz no seu "refúgio", que não queria voltar a ser pirata e o capitão disse que a última missão, que por favor, os ajudasse com isso. Depois não ouvi mas nada, então desisti de tentar escutar o que eles diziam. Foi uma hora lá parado, ou até mais. Quando terminaram, estava quase cochilando. Saímos sem dizer nada, mas o capitão disse " Obrigado" e Portarié respondeu "De nada, *ao revoir*⁴" e voltamos ao navio, junto com o outro grupo.

⁴ Despedida em francês.

DIA 13 DE OUTUBRO

Estávamos no dia do banquete. Octopus estava mexendo o astrolábio, e quando acabou, consultou uma tábua de Zacuto⁵. Disse ao capitão "Estamos chegando". O "estamos chegando" dele queria dizer mais 3 horas no alto mar. Até que em fim chegamos a Sevilha. Ancoramos e andamos um pouco. O gramado alto era relaxante e seguimos um caminho de terra. Passamos por algumas ruínas de, talvez, antigos castelos e algumas colinas pequenas. Era quase meio dia quando começamos a ver o castelo. Era grande, de mármore vermelho e listras de pedra. Quando chegamos, vimos um grande portão de madeira e várias pessoas "importantes" das cortes de outros países da Europa, como a Marquesa De Boviée, França, o visconde McLaiot, Irlanda, o conde Dimitri, Rússia, a duquesa Anki, Finlândia, e o duque Norreguistër, Alemanha, entre outros. Todos conversavam felizes e rindo. Seguimos com 30 e tantas pessoas a ultrapassar os portões de madeira e sermos recebidos pelo Duque Emilio Coronado, então, passamos tranquilos pela porta. Era o que nós achávamos. Os dois guardas de laranja nos pararam, apontando as suas lanças para nós. Nós hesitamos. Todos nos viam. Iríamos morrer se não fosse por uma voz que gritou "Que estão fazendo, seus tontos? São meus convidados!" "Mas senhor, são piratas!" Todos fizeram um "Ohhhhhh" de espanto". E daí? são meus convidados!". Então, os guardas abaixaram suas lanças, e no meio deles, veio uma sombra se aproximando, até que enfim se mostrou o duque Emilio Coronado Gonzalez. Era um homem alto, de uma vestimenta preta com babados no pescoço, braços e pernas, tinha uma barba loira raspada, mostrando só um pouquinho de barba e um cabelo um pouco raspado e totalmente loiro.

-Quanto tempo, Senhor Jetser. Ohh.. então é essa sua tripulação. Prazer em conhecê-los. Venham, vamos levá-los ao lugar do banquete - Disse o duque com uma voz grossa e lenta.

Ele nos guiou pelo palácio, e antes de perder de vistas o gramado, vi todos com muita inveja de nós. Seguimos por corredores brancos com tapetes roxos e dourados. Seguimos andando por mais uns 8 minutos até chegarmos em outro grande portão de madeira. Emilio abriu e vimos uma grande mesa de mármore com um espaço grande. Nós sentamos onde os garçons nos indicaram e esperamos todos chegarem. Quando todos chegaram, houve a declaração de Emilio Gonzalez

⁵ As tábuas de Zacuto são umas tábuas astronômicas inventadas pelo astrônomo espanhol Abraão Zacuto para saber a posição do sol em relação ao sul e ao norte. Complementava o uso do astrolábio.

sobre a caixa-forte. Quando terminou, os garçons começaram a servir a comida. Primeiro, vieram os petiscos, depois o peixe, logo o porco, aí veio a salada, as frutas e um boi inteiro, e, por último, veio a sobremesa. Foram 2 horas deliciosas. Depois, veio a hora do baile. Todos foram dançar ao som dos violinos, menos os piratas e o duque, que ficaram na mesa. Eles conversaram, mas eu estava prestando atenção em outra coisa, na pista da dança. Um cara estranho de azul escuro, máscara azul com adornos prata e uma longa barba branca. Me parecia familiar. Decidi perguntar ao capitão. Ele me respondeu:

- É Portarié.

Eu fiquei de olhos arregalados. Eles queriam destruir a festa para roubar a caixa-forte. Agora tudo fazia sentido. Eu tentei parar Jetser, mas foi tarde demais. Ele acenou para Portarié e ele pegou sua pistola e atirou na luminária de cristal. Ela caiu e Portarié retirou sua máscara, enquanto Emilio gritava "Traidor!". Então o capitão empurrou Emilio e saiu correndo, me pegando pelo braço. Ele deslizou para baixo e me disse, apressado enquanto Octopus pulava aonde estávamos:

- Ok, este é o plano. A caixa-forte esta em cima da torre principal. Então você vai arrombá-la e com este saco, pegar tudo e voltar ao navio com você e o ouro intactos. Fim da reunião, hora da ação.

Ele quebrou a janela e Octopus disse:

- Eu seguro eles. Vocês vão indo.

Então fomos ao telhado. Era escorregadio. Tivemos que nos equilibrar para conseguir chegar no fim. Lá tinha um corda.

-Então, você vai pro resto do telhado assim.

Ele pegou a corda e se impulsionou e chegou a outra parte do telhado. Eu peguei e foi pouco a pouco até que eu me impulsionei. O que aconteceu foi que eu consegui, por um segundo, no entanto voltei e cheguei perto, mas caí. Eu me segurei na parede e escalei. Eu cheguei e vi Dexeter me olhar e dizer:

-Que fique de lição!

Eu fiquei me sentindo mal, mas pelo menos estava do outro lado. Me levantei e segui com o capitão. Estávamos chegando na torre, quando 5 guardas nos atacaram. O capitão disse:

-Você não sabe lutar! Vai! Eu acabo com eles!

Eu fiz que sim com minha cabeça e segui reto. Estava bem perto da torre, mas um guarda com uma massa⁶ chegou.

-Morra, Imbecil!

E ele veio atrás de mim. Naquele mesmo momento, Carmen chegou numa corda e bateu na cabeça do guarda, derrubando. Ela gritou:

-*Eso es por mi capitán*, Garoto.

Agradei, mas ela só virou os olhos. Eu segui reto pensando "É bem melhor chamar *mi capitán* do que o capitão". Quando cheguei na torre, vi a caixa-forte. Peguei minha espátula e tentei arrombar, mas a entortei. Eu fiquei bravo, mas depois pensei "E se eu tentar com uma pedra?" Mas não tinha pedra nenhuma, então eu tive outra ideia. Peguei minha espátula e fiz muita força na parede e consegui tirar uma pedra. Consequência: Minha espátula entortou mais. Peguei a pedra e tentei arrombar, mas me machuquei umas 5 vezes, até que uma hora consegui arrombar. Peguei a sacola e comecei a encher com todos os dobrões de ouro. Quando terminei, comecei a pensar no terceiro passo: Como sair de lá intacto? Pensei por 3 minutos e entendi que precisaria de uma pistola. Mas não tinha. Então comecei a bater a sacola no chão, mas aquilo demoraria horas. Por sorte, apareceu o duque com uma pistola.

-Agora você não tem como fugir, garoto- Disse o duque.

-Vamos ver- Eu respondi.

Então ele começou a atirar em todas as direções. Numa hora ele colocou a mão na cabeça e disse:

-Dê... o ouro.... já.

-Desculpa, não vai dar

Bati com a sacola na cara dele e chutei a porta. Antes de conseguir sair, escutei uma explosão e a torre começou a cair. Fiquei em posição na janela apontando para o mar. Eu saí correndo, enquanto o duque Emilio acordava. O barco estava um pouco longe, então eu tive que pular. Consegui me segurar num canhão e subi. Todos estavam lá, gritando "Joshua! Joshua!". Fiquei feliz e me senti um pouco "idolatrado" demais. *Mi capitán* só piscou para mim. Já à noite, estava na cozinha preparando aquela geleca de novo. Eu estava impressionado com que aconteceu

⁶ Arma medieval com forma de bola de ferro com espinhos presa a uma corrente e um cabo de madeira.

naquela tarde. Também estava assustado, meu coração pulava enquanto continuava a cozinhar. Quando terminei, vi *mi capitán* chegando na cozinha

-O que foi, *mi capitán*?

-Nada.

Eu achei meio estranho. Eu levei a comida para mesa e lá sentei. Aquela noite estava diferente. Até Carmen, que está quase toda hora séria e irritada, estava rindo. Quando comecei a comer, veio *mi capitán* trazendo um molho branco. Então ele jogou o molho para todos e eu experimentei. Era delicioso. Calabo me deu rum, dizendo para eu experimentar. Provei, e foi ao contrario de gostoso: foi horrível. Eu cuspi e Castor disse que era assim a primeira vez, e continuei a beber rum. Uma hora eu fiquei tonto e fui fechando os meus olhos, pouco a pouco, até desmaiar.



DIA 14 DE OUTUBRO

Fui abrindo pouco a pouco meus olhos. Devagar, via uma luz branca se espalhando, ficando mais grande a cada segundo. Cores foram se formando. Via uma cor escura balançante se transformando em algo alto, com uma estrela marrom no meio. Arregalei meus olhos e me virei. Estava sentando no mastro, e do meu lado tinha um pedaço grosso de madeira e uma navalha de prata. Percebi que éramos poucos os acordados e que estávamos todos em silêncio. Depois, vi que tinha uma fina camada de neblina cor creme, e que Mhuir Hatra não estava no timão, e sim Martinez. Navegávamos sem direção. Peguei o pedaço de madeira em uma mão e a navalha na outra, e comecei a fazer uma estaca. Simuabe (que era o do chapéu cinza) assobiava uma canção tranquila. Ficamos uns trinta minutos. Ouvimos um grito vindo do quarto dos marujos. Nós ficamos parados e calados. Mhuir Hatra saiu correndo para o timão e deu um tapa em Martinez. A gente fez um "Aiii!" e nós voltamos a fazer nossas coisas. Hatra gritou com Martinez:

-Onde você está indo!! Esses são os lugares desconhecidos da Terra!

- Que nada! Isso não existe.

-Nós vamos ser comidos por monstros e morrer, imbecil!

-Tscccc... Por favor! Não estamos mais na Idade Média para acreditar nisso.

Martinez riu triunfante. Nessa hora, saiu Dexeter Jetser com uma garrafa de rum na mão esquerda e com um andar chucu. Ele falou sonolentemente enquanto tomava um gole do seu rum:

- Vocês me acordaram com essa barulheira...

Na hora, ele cuspiu o rum, acordou e foi ao timão e deu um tapa na cara de Martinez. Nós, de novo, fizemos um "Ouuuu!" e continuamos a fazer o que estávamos fazendo.

- Tá doido! Vamos morrer!

- Isso que eu disse para ele!

- Por favor, não estamos na Idade Média! Estamos na Era de Ouro da pirataria!

- Tu não sabes se existe ou não, né, Martinez?

- Mas eu sei por que eu li!

- Tu nem sabes ler, Martinez.

- Você não sabe se eu sei ou não.

- Então, grande leitor, que livro você leu para saber isso?

- *In diesen heil gen Hallen.*

- Isso é uma parte de uma ópera

- Não é, não.

- Olha, por favor Martinez, todos que passaram por está neblina não voltaram, nem sequer o barc...

Uma melodia vinha de trás da neblina. Todos pararam e escutaram a melodia.

- Era só que me faltava, sereias.

- Shuuu.....

Continuamos a ouvir a melodia. Olhamos para trás e vimos uma coisa impressionante, inacreditável. Vimos um bisão peludo andando na superfície da água, tranquilamente. Mas a melodia não vinha do animal. O som ficava mais alto. E vimos mais uma coisa inacreditável, dessa vez, em cima de nós. Vimos notas musicais juntas formando uma nuvem. Viramos nossas cabeças para frente e vimos montanhas, amontoadas, humanos gigantes tocavam violinos, pianos, violões, acordeons, saxofones, tambores, flautas e outros só cantavam, felizes. E saíam notas musicais de cada nota que tocavam e iam formando as nuvens. Quando o violino deu a última nota, o mar vibrou violentamente e o céu escureceu lentamente.

- Nossa, eu deveria ler mais literatura.- Disse Martinez, impressionado.

Um gigante nos viu e fez um olá amigável. A tripulação ficou com medo e saiu correndo ou se escondeu. *Mi capitán* pegou o timão e navegou até o gigante que dava um oi com um sorriso gentil no rosto.

- O que você está fazendo, capitão?

- Indo ao gigante, uai.

Ele ficou calado. Nessa hora, a tripulação toda estava acordada. Estávamos navegando até o gigante, quando passamos uma barreira invisível, e continuamos igual, ao menos, que, se você olhasse para trás, só veria uma luz branca se apagando e deixando tudo escuro atrás. Muitos da tripulação começaram a ficar loucos, assim, de verdade, no sentido literal. O vento ficou mais rápido, e quando voltei minha atenção a proa (na frente) tinha batido na montanha. Estranhamente, o gigante estava ainda lá, nos esperando. Escalamos as grandes montanhas de 500 metros até chegar nele. O gigante se agachou e disse:

- Oi amiguinhos, eu sou Barner, e vocês?

Todos ficaram arrepiados. Barner era igual a um humano, só que com 3 metros. Tinha um cabelo laranja e no topo da cabeça era careca, tinha roupas marrons com botões marrons ainda mais marrons e estava descalço. Então, voltando a história, *mi capitán* se adiantou e disse:

- Somos uma tripulação, e por acaso chegamos aqui e queríamos muito sair daqui

- Ótimo, prazer em conhecê-los!!! Venham comigo!

Ele abriu uma porta gigante e passou em pé. Nós os seguimos e vimos uma grande casa de pedra cheia de gigantes, com uma mesa de pedra cheia de comidas gigantes e redes de pedra gigantes também.

-Venham!

Todos os gigantes estavam reunidos na grande mesa para comer. Os loucos foram ficando mais calmos com os gigantescos pedaços de carne. Então Barner gritou:

- Hoje eu arranjei mais amiguinhos!! Estes são uma tripulação!!!

- Oi, prazer em conhecê-los!!

- Mesmo com 100 anos, continua sendo amiguelo, hein, Barner!

-100 anos?

- Sim, nós gigantes, vivemos até os 150.

Toda a tripulação ficou de boca aberta. Não sabíamos que um ser poderia viver 150 anos. Então, todos começaram a comer. Barner pegou um pedaço de papel com várias escritas e desenhos. Vimos que era um mapa.



Cidade das
nuvens/casas
Emocionadas



Pirâmides
na Ilha



Ilha espiral



Nuvem
Musical



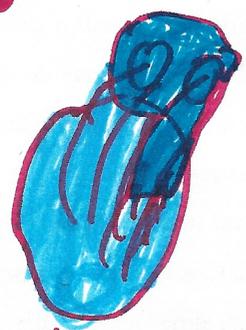
Ilha nijitsu



Para de
Titanosau



Montanhas
dos Gigantes
musicos



Ilha da caverna
do cristal



Refugio
dos loucos



ilha
abandonada



Ilha matemática



ilha chama



coliseu



Animal andalite
da água



cachoeira da tartaruga

- Este é um mapa do arquipélago. Vocês não conseguiriam voltar por onde vieram, pois vocês entraram neste reino. Vocês só sairão se chegarem à Cidade das Nuvens, onde vão ver uma grande cachoeira. Então, vocês irão descê-la e chegarão no seu "reino".

- Como assim, nosso "reino"?

- No seu reino, acham que reino serve para tudo que está separado por uma marca, mas não, só existem dois reinos: O reino *Mussicalia*, o nosso reino, e o *Imbecialliatus*, o de vocês.

- Entendi. Mas por que o nosso tem que ser *Imbecialliatus*?

- Porque no fundo, vocês sabem que são burros. Mais não vou dizer que aqui não há imbecis. Humanos vieram aqui e nunca voltaram ao seu verdadeiro reino.

Todos ficaram calados. Nunca tinham pensado que eram tão burros. Mas *mi capitán* prestava atenção em outra coisa. Então, finalmente, ele perguntou:

- O que é essa "Ilha Chama"?

Todos olharam o mapa. Era verdade. Tinha uma ilha chamada "Ilha Chama".

- Ahhhh.... Está ilha é preciosa. Diz a lenda que, num templo repleto de fogo, uma joia laranja pode se achar. Muito preciosa, dá sorte a quem a pega, mas depois dá má sorte.

-Hummm...entendi. Bom, vamos. Obrigado, Barner. Foi muito gentil da sua parte

- Não há de quê, homenzinho.

Ele deu um tchau com a mão, e nós seguimos indo para fora. Embarcamos no navio e um marujo perguntou:

- O que estamos fazendo?

- Vamos pegar essa joia.

Navegamos por pouco tempo, pois era bem perto das montanhas. Minutos depois, vimos uma chama dançante no meio do mar. *Mi capitán* mudou a direção para o fogo, e um marujo, Cesolon K. ficou bem na frente do navio e colocou a mão no fogo. Ele viu que ficou como se fosse uma caveira, tirou a mão e gritou:

- Mamãe, me ajude, mamãe!

Então pulou no mar. A maioria dos homens pulou na água, enquanto outros ficaram por ganância, outros, por curiosidade. Eu deveria ter pulado no mar e viver com os gigantes até bater as botas. Acho que era o certo. Ou talvez não. Eu não sei, por que eu fiz outra escolha. Nosso navio ia entrando pouco a pouco, pelas chamas, até que finalmente entrou por completo. Estávamos totalmente esqueletos. Teríamos morrido? Não acreditava nisso. O lugar era muito bonito. Era laranja por dentro e as águas eram amareladas e calmas. Jogamos a âncora, mas ela se derreteu toda. Mesmo assim, nós saímos do navio. Nossas pernas esqueléticas se queimaram, mas conseguimos andar perfeitamente. Isso era estranho. Todas as casas eram de fogo, o que era impressionante. Andamos um pouco mais e vimos um templo coberto de fogo. Entramos e saiu fogo de uns canudos do nada. Bon Terri se queimou o braço por causa disso. Seguimos andando e chegamos em colunas de fogo. Tivemos que pulá-las, e Bon Terri se queimou a perna por isso. Quando chegamos a uma sala, quando pisamos no mármore de fogo, saiu um vulcão e começou a espirrar lava. A gente desviou, e num movimento rápido e doloroso, Jetser pegou a joia e a tirou de seu domo de fogo. Começou a fazer frio e a nevar. Não éramos mais caveiras. O vulcão e o templo desmancharam como pó. Os habitantes surgiram, cheios de neve, estremeçando e com raiva. Um deles disse:

- O destruidor!

Todos fomos correndo, rápido e chegamos no navio. Zarpamos, e *mi capitán* começou a examinar o mapa e gritou:

- A bombordo!

O navio virou a direita. O navio conseguiu sair dos arredores da ilha congelante. Íamos virando à direita, o que não fazia sentido, por que deveríamos ir à esquerda, que era onde ficava a Ilha Espiral. Eu fui perguntar a *mi capitán*, mas vi que ele não estava ali. Procurei-o por todo o navio, mas depois, o esforço foi em vão. Ele saiu da sua cabine com várias moedas de ouro. Todos o olharam com desgosto. Ele tinha pegado a metade do ouro que roubamos para ir na Ilha-Cassino. Nós entendemos aquilo e ficamos com raiva, porque iríamos gastar com outras coisas, como comida que não fosse aquela geleca, e sim, carne e mais carne. Ele disse:

- Eu sou o capitão aqui, ninguém me julga.

Então ele pegou o timão de Mhuir Hatra e seguiu pra o cassino, ou, como escrito no mapa, refúgio dos loucos. Íamos seguindo reto sem nenhuma preocupação, enquanto o ouro estava no chão do timão. Estávamos navegando à noite, muito tranquilos. Até que um marujo gritou:

-Ladrão!

Vimos no timão um vulto negro pegando todo o ouro. *Mi capitán* sacou sua espada. O ladrão recebeu um arranhão no seu braço. Saiu um pouco de sangue, mas saiu correndo com o ouro e pulou em um barquinho. *Mi capitán* disse:

- Vamos segui-los!

Então começamos a perseguição. Rastreamos o barquinho e chegamos numa ilha muito escura, sem nenhuma luz. Desembarcamos com medo, todos menos *mi capitán*, que estava irritado. Fomos andando pela ilha escura, quando batemos em algo. Era um negócio muito duro, mas quando nos acostumamos a ver no escuro, vimos que era uma escultura de uma ave gigante repousada, e que tinha vários barracos lá. *Mi capitán* sacou a espada, e todos os marujos sacaram suas armas. Eu saquei minha espátula torta e fiz que nem os outros. Fomos andando silenciosamente, até que um dos bandidos chegou, com uma espada na mão, e arranhou o braço de *mi capitán*. Ele disse, fungando:

-Isso...é...por me arranhar... lá... no seu barco.

-Ataquem aquela barraca e peguem o ouro!

Foi a palavra mágica. Saíram muitos bandidos e a batalha começou. Espadas, pistolas e bestas eram bem-vindas. Todos lutavam ferozmente. Como todos estavam ocupados, eu fui pegar o ouro na barraca. Mas fui parado por um menino pequeno de roupas pretas e uma máscara preta e branca. Eu ia bater nele com a espátula, mas ele me olhou de um jeito que eu não tive coragem de fazer. Então, ele me bateu com sua espadinha de madeira na perna e pegou minha espátula e a levou para sua barraca. Eu não tive coragem de ir lá pegar a minha espátula, e isso me deixou muito chateado, porque agora eu não poderia cozinhar, mas, por outro lado, o caminho estava vazio. Fui andando de fininho até a barraca e entrei. Era vermelha por dentro. Tinha uma gaveta de madeira com um colar de joias solto e uma cama totalmente estralçada lá. Achei que estaria nas gavetas o ouro, e comecei a vasculhar o criado-mudo. Vi o monte de coisas roubadas: diamantes, rubis, colares de esmeraldas, ametistas, alexandritas, âmbar, quartzos rosa, safiras, ágatas, opalas, uma coroa de berilos, pérolas, um anel de diamante amarelo, um larimar gigante, um bastão de prata, um pedaço de couro rasgado, dois cálices: um de ouro, outro de prata detalhada com o nome "*královské rodiny našeho hlavního města, mor*" (que queria dizer que era da realeza da Tchecoslováquia), uma coroa em cima de uma almofada vinho-berrante, pratos de mármore com adornos dourados nas bordas, com um desenho de uma rosa, um emblema de ouro com um leão no centro e dizendo "*koninklijke tijger*", várias moedas de bronze, tintas, penas

de um pavão com sua ponta manchada de preto, várias cartas de vários países e pessoas diferentes, uma pedra recém-tirada de um minério, dois diários de bordo: Um do capitão Bervané e outro da capitã Redeschovitch, uma espada de ouro, um cilindro de metal, e, finalmente, nosso ouro. Achei ele na última gaveta, que estava vazia. Já que não tinha trazido uma sacola, peguei o cobertor da cama do ladrão e vi que estava cheio de pragas. Cheia de escorpiões, baratas, lagartas venenosas, lacraias, centopeias e um rato morto. Eu fiz um sinal de desgosto. Tirei a lacraia que estava no cobertor e fui colocando o ouro, pouco a pouco. Quando terminei, vi que tinha algo mais. Era um pergaminho coberto de tinta que estava fechado. Eu o abri e o li na mente. Tinha uma letra cursiva meio rabiscada e difícil de ler, e tinha um desenho de um altar, e embaixo, escrito em verde-radioativo, se lia "meu sonho". Dizia:

Eu quero um dia achar um Amolite, recém-descoberto, para vender finalmente minhas outras joias para o mercado negro e sair dessa vida de inferno e ser minha única joia, passando de geração em geração. L.O.P

Agora eu finalmente sabia porque ele roubava. Mas naquela hora acreditei que se tirasse nosso ouro, ele ainda conseguiria sair daquela ilha. Então, saí correndo da barraca, carregando o ouro ao barco. Todos começaram a me seguir. Eu embarquei no navio e coloquei o ouro perto do timão. A batalha continuo lá. Estava esperando alguém ir no timão. Mas todos estavam ocupados com a luta. Virei o timão. Nada aconteceu. Percebi que tinha que levantar as velas. Então, entrei no fogo cruzado e pulei em uma das cordas, e sem querer, bati em um ladrão parrudão de colete marrom e olhos profundamente vermelhos. Ele ficou com raiva e começou a atirar com sua pistola. Eu ia desviando pulando de corda em corda, e no terceiro ou quarto pulo, estendi duas velas. Faltavam mais duas. Mais não tinha tempo de pensar, só de pular, por que ele não parou. Fui pulando de corda em corda até chegar na última, que abriu as outras duas velas. O bandido apontou a pistola para mim e atirou. Ele ia me acertar, mais desviei, e pegou na vela de cima. Continuei a me balançar pela corda, e, uma hora, a corda virou, o bandido acertou na corda que ficou frágil e foi para o lado da batalha. Eu fiquei bem no final da corda. Ele atirou mais uma vez, contraí meu corpo e quando soltei-o, bati na cara do bandido com minhas pernas. Decidi voltar ao timão. Eu o rodei e todos os bandidos caíram no mar. Eu virei para o outro lado e veio um montão de água sobre a tripulação. Estávamos começando a rir quando o bandido que eu tinha derrubado há pouco acordou e foi atacar Castor. Eu virei o timão mais uma vez, agora para o outro lado e ele foi puxado para estibordo e levado pelos ares. Todos estamparam um sorriso cruel em suas caras e começaram a rir. *Mi capitán* pegou o timão e foi navegando tranquilo até a Ilha-Cassino. Chegamos lá à meia-noite, mais ou menos, mas as luzes ainda estavam acesas. A ilha era praticamente o cassino, só tinha mesmo um pouquinho de terreno laranja. O prédio do

cassino era de uns 4 metros, tinha uma placa dourada escrita "POKER", luzes para todos os cantos, uma porta de madeira com parafusos dourados, uma varanda marrom, o símbolo do naipe de espadas no telhado e tinha uma trilha vermelha de metal contornando o cassino inteiro. Desembarcamos lá e fomos andando. Entramos pela porta e passamos um corredor de mármore. Era totalmente branco por dentro. Tinha muitos jogos de cassino: Roleta, Dados, Sinuca e, principalmente, Poker. Estava cheio de mesas de Poker, e a maioria das pessoas estava nelas. Martinez perguntou:

- Posso apostar também?

- Não.

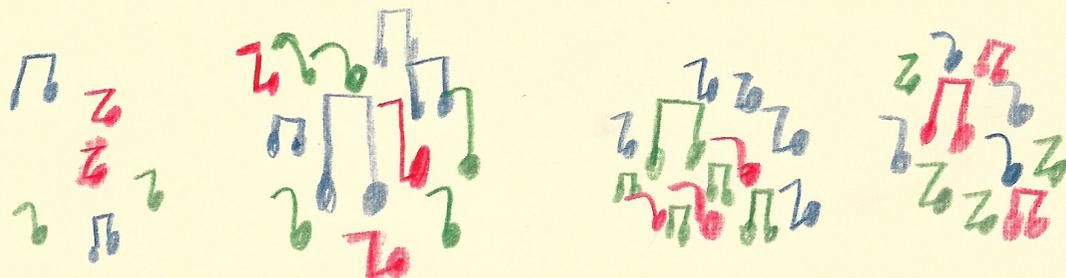
- Então o que a gente vai fazer?

- Vão ficar só vendo, e, ah! não cheguem perto da mesa que estarei, tá?

Martinez ficou muito bravo. *Mi capitán* foi andando até a mesa mais longe, mas não nos impediu de ir lá bisbilhotar o que estava acontecendo. Pegamos uma cadeira qualquer e começamos a observar. Atenção: Esta parte não terá nenhuma fala, pois não escutamos o que estava acontecendo e talvez possa ter partes totalmente cortadas e de colocar você numa profunda emoção tensa. Obrigado pela atenção.

Mi capitán chegou à mesa. Tinha um cara de bigode grande com uma rosa em seu paletó branco. Eles conversaram e colocaram suas apostas. Escuro. As apostas já estavam na mesa e o homem de paletó branco começou a dar as cartas por cima. Ele ganhou o primeiro valete e mostrou a todos. Ele falou alguma coisa. Então, começou a distribuir as cartas igualmente, fazendo movimentos impressionantes. Quando todos estavam com 5 cartas na mão, examinaram sua mão. Escuro. Vimos *mi capitán* colocando mais ouro em sua aposta. A outra pessoa mostrou um conjunto de cartas assim: quatro 10. Então, moveu seu ouro. Escuro. Outra pessoa estava com três reis, *mi capitán* estava com a metade do ouro que apostou, a outra pessoa estava com apenas cinco moedas, a outra tinha só 18 moedas e o homem do paletó tinha muitas moedas, e ria. Mostrou suas cartas que tinham a seguinte sequência: um par de damas e um trio de reis. Pegou seu dinheiro e ele jogou as cartas no chão e foi embora. Escuro total por dois minutos. Eita, acho que dormi. O homem do paletó já estava com uma cara preocupada porque estava o ouro metade a metade. Na outra mão, ele tirou e mostrou a combinação de cartas de um par de reis e um dez, um valete e uma dama, e pegou o ouro. Quase. *Mi capitán* fez que não com os dedos e mostrou sua combinação: 4 Ases e um rei. *Mi capitán* pegou o ouro e falou alguma coisa

e começou a correr. Nós fomos atrás dele. Embarcamos no navio e ele gritou alguma coisa e o homem de paletó falou outra e ficou escuro.



DIA 15 DE OUTUBRO

Navegávamos no meio do mar, sem ver nenhuma ilha. Estávamos sem rumo há umas 4 horas, e pior, não comemos nada. Estávamos todos deitados no barco, gemendo, menos *mi capitán*, que estava no timão assobiando, feliz. Uma hora, vimos uma ilha em forma de uma garra, totalmente de pedra com alguns grandes e largos musgos. Alguns riram, mas depois voltaram a desanimar. Ficamos mais 2 horas assim. Nada de ilhas, nem de uma Ilha Espiral. Nada. Uma hora, enquanto seguíamos igual, Can Zio levantou, e entregou uma bandagem atrasada para *mi capitán*, e desceu ao quarto dos tripulantes. Ele ficou lá um tempão sem aparecer. Simuabe foi atrás dele, e viu uma coisa laranja sair da mão do médico. Ele parou e Can Zio o olhou com apreensão. Simuabe foi saindo voando dos quartos com uma bandagem e um líquido de cor suja nas mãos. Pousou e respirou fundo e colocou a bandagem em seu ferimento. Ele nos olhou tenso e disse uma coisa que não acreditamos:

- Can Zio.... É um espadachim...

Nós não acreditamos. Nossos queixos caíram.

- E é um dos bons.

Nós suspiramos fundo de desespero. Ainda mais quando *mi capitán* caiu imóvel e desacordado no chão. Nós olhamos ao redor, mas não conseguimos fazer nada. Vultos nos cercaram e nos machucaram fundo na barriga. Acordamos e estávamos sendo levados em 3 botes, enquanto outros 3 botes carregavam o navio. Eu me virei e vi um templo na água com uma porta com uma cruz um pouco diferente. O templo era vermelho e tinha um desenho de um dragão verde indo em direção a um arco-íris. Eles deixaram nosso barco no mar e nos levaram até uma sala e nos largaram lá amarrados. O grupo era de homens sem camisa com uma bermuda verde, uma faixa vermelha na cabeça e uma espada nas costas. Do meio deles, saiu Can Zio, de braços cruzados. Vimos *mi capitán* balançando tontamente a cabeça e machucado na cara, diz a Can Zio:

- Can Zio, seu traidor...

Ele falou algo em chinês assim, mais ou menos (Eu pesquisei antes de escrever este diário):

這是什麼?我不是叛徒!我回到了我現在的今天!(zhè shì shén me?wǒ bú shì pàn tú!wǒ huí dào le wǒ xiàn zài de jīn tiān!). A gente entendeu nada. Um de seus colegas disse:

-哈哈哈哈哈...我們想念你,兄弟。(hā hā hā hā ...wǒ men xiǎng niàn nǐ , xiōng dì)

Não entendemos nada. Nós ficamos tentando dissimular o que eles diziam, mas eles me bateram e desmaiei. Quando acordei, algo incrível aconteceu: Eu via direito, não mais embaçado. Eu não era mais estrábico. Isso me deixou muito feliz. Eles mostraram um pote com meu olho ruim e guardaram em uma prateleira. Passamos mais tempo lá, até que Martinez gritou:

- Eu tô com muita fome!!!!

Can Zio traduziu assim: 他說他餓了。(tā shuō tā è le) e o colega respondeu:胡姆...我們有納貝利湯和玉米。(hú mǔ ...wǒ men yǒu nà bèi lì tāng hé yù mǐ。)

Martinez ficou animado. Eles nos levaram até a sala de jantar e nos soltaram das cordas. Nós sentamos na mesa e vimos que era uma sopa vermelha-eletrizante com milho. Mas eu comeria qualquer coisa, porque estava com fome. Então terminamos e *mi capitán* perguntou:

- Agora podemos sair daqui?

Can Zio traduziu:他說你可以離開這個島。(tā shuō nǐ kě yǐ lí kāi zhè ge dǎo). Um colega respondeu: 你可以,但我們已經說再見了。(nǐ kě yǐ , dàn wǒ men yǐ jīng shuō zài jiàn le) e Can Zio disse: 好的,好的。(hǎo de , hǎo de). Eles nos guiaram até a porta e Can Zio disse para embarcarmos com uma voz lenta e estranha. Nós embarcamos e demos tchau. Eles responderam. Zarpamos à esquerda e seguimos no mar azul. Seguíamos reto, felizes, de barriga cheia. Navegávamos tranquilamente, e uma hora vimos uma nuvem musical de novo. Pensamos que estaríamos perto, ou que chegaríamos de volta na Ilha dos Gigantes, e imaginamos a ilha-Chama como um monte de neve flutuante, mas não vimos nenhum rastro da montanha dos gigantes, só de uma ilha parecida a uma praça.

- Peguem os remos! Vamos remar até lá!

Nós pegamos os remos, sentamos na borda do navio e começamos a remar. Remávamos fortemente. Chegamos 39 minutos depois, muito cansados. Íamos sair do barco, mais *mi capitán* disse:

- Continuem remando.

- Por quê? é uma ilha, não tem como!

- Não é o que parece. Todos...

- Os humanos que nunca voltaram desembarcaram e nunca saíram! É isso!!!- Completou Octopus.

Nós viramos os olhos e continuamos a remar. O pior é que era verdade. O chão virou um calmo mar verde e vermelho. Não tinha vento lá. Começamos a ouvir vozes estranhas vindo das casas.

- Rápido, mais rápido!

Começamos a remar mais rápido. Os habitantes saíram de suas casas. Eram esqueletos. Começamos a remar mais rápido, por que eles andavam na água. Uma hora *mi capitán* gritou:

- À ponte! À ponte!!! Mais rápido!!!!

Era verdade. Nós vimos a ponte vermelha gigante que ligava com as nuvens. Fomos indo mais rápido, mas fomos obrigados a ir aquém de nossas forças porque um esqueleto embarcou no navio. Ele vinha lentamente. Estávamos chegando na ponte, quando o barco parou. Os esqueletos tinham entrado no navio, e mesmo que remássemos, nada acontecia. Deveria ter um osso atrapalhando o navio de continuar. *Mi capitán* pulou no mar sem nenhum aviso só o de: Remem! Nós continuamos a remar, e as caveiras vinham, mas de repente soltou, e o barco começou a navegar de novo. Fomos ainda mais rápido, e chegamos na ponte. A velocidade aumentou e as caveiras caíram, pouco a pouco. Mas ninguém estava feliz. Nossos olhos estavam marejados de lágrimas. As lágrimas voaram para o chão, quer dizer, para o mar. Caíam, cintilantemente, e se tornavam parte do oceano. Íamos deixando o reino *Mussicalia* e íamos voltando ao nosso reino. A ponte vermelha já acabava, e o ar ficava escasso, não respirávamos mais. Mas não nos impedia de chorar. Nossas lágrimas iam se cristalizando, iam virando cristais de gelo que caíam, levemente, chocavam com o fundo. Iam para baixo, caindo calmamente, como uma folha seca. Derretia, virava deformada e caía no corpo de nosso capitão, deitado no tapete de areia do mar, enquanto remávamos para cima e ele, parado embaixo. Seguíamos o caminho, tristes, quando algo gritou da proa do navio:

- Socorro! Eu vou cair!!!

Nós saímos correndo, e lá estava *mi capitán*, assegurado na mão óssea da caveira. Nós puxamos ele de volta e todos ficaram felizes. Mas a história não acaba aqui. Seguimos e chegamos até as

nuvens. Eram calmas, tirando o vento, que era muito forte. Remávamos, impressionados com o mar de nuvens, tão calmo. Quase não respirávamos, literalmente. Uma hora ouvimos vozes, alegres, tristes, raivosas, medrosas, enjoadas, de todos os tipos. Passamos reto e vimos casas conversando entre si. Era uma barulheira de estourar os tímpanos. Fomos indo rapidamente até que o barulho das casas ia sumindo. Agora era só as nuvens, sem som e com o pôr do sol a plena vista. Era a primeira vez que ouvia o silêncio. Agora íamos mais devagar. Era uma sensação estranha e calma. Seguíamos navegando até que o silêncio foi rompido: o estrondo de uma cachoeira. Fomos remando rápido até que vimos uma cachoeira de nuvens longa. Viramos lá e o barco foi puxado para baixo e foi rápido. O barco deu rodopios e nos asseguramos nos dois mastros ou na borda do navio para não sermos arremessados. Fomos caindo por uns 1000 metros do chão, quando caímos no alto mar. Tínhamos entrando em nosso reino. Comemoramos. Castor, Simuabe e Calabo começaram a tocar instrumentos e a cantar. Foi uma festança. Bem, só não comemos, porque tinha nada pra comer, então não foi festança. Verdade.



DIA 16 DE OUTUBRO

No dia seguinte, íamos tentar sair de lá e continuar nosso caminho, mas não avançávamos. Tentamos descobrir o por quê. E descobrimos. A gente caiu bem numa lagoa do tamanho exato do navio, e isso nos impedia de sair. A tripulação se desanimou. Sobrevivíamos poucos dias sem comer, porque não tínhamos como cozinhar, e aquele era um ambiente totalmente seco e sem comida. Todos colocaram a culpa em mim por ter perdido a espátula que foi roubada, mas sim, era uma parte culpa minha por ter sido roubado e não ter recuperado, como faria um bom pirata.



DIA 21 DE OUTUBRO

Ficamos esses dias inteiros sem comer. Estávamos desnutridos e com nossas caras manchadas de cansaço. Muitos tiveram escorbuto⁷ (como eu), outros pegaram gripe ou malária, outros tiveram hemorragias e queda de cabelo, e outros pegaram sarampo. Estavam todos doentes de alguma coisa. Um que outro tentava andar para pegar rum, mas desmaiava e ficava a 3 metros da cozinha. Alguns outros já tinham morrido. Não esperávamos mais nada, só o momento da nossa morte. Sabíamos que não tinha jeito de sair. Quando já estávamos para morrer, um navio chegou. Um navio robusto, de madeira forte e velas azuis, era uma caravela. Passava por ali perto, e um marujo de calças azuis rasgadas desceu e balançou as mãos gritando "Ajuda!" por dois minutos, até que viram o recado e o navio chegou até nós. Depois, o valente marujo caiu morto no chão por excesso de esforço. Tiramos o chapéu por ele e fizemos o agradecimento pirata. O navio chegou e nos pegou. Fomos no barco daquele cara, todos menos Trinidad, que disse que queria morrer no navio em que prestou serviço a vida toda. *Mi capitán* disse que tudo bem antes de desmaiar. Então, deixamos Trinidad e o barco para trás, e fizemos uma última reverência ao navio que nos levou até ali, no qual depositamos nossa fé toda essa viagem e agradecemos ao Trinidad por tudo que fez por nós e lhe desejamos uma morte sem dor. Então, desmaiamos. Acordamos mais tarde, ainda fracos numa cabine de madeira com cadeiras com forro azul. Estávamos amarrados diante de pratos com alimentos ricos em vitamina C: Laranjas, Limões, Acerolas, Goiabas, Pimentões e Brocólis.

- Onde você arrumou essas frutas estranhas?

- Eu parei na América do Sul e peguei, pra experimentar. Vou soltá-los. Comam, que vão melhorar.

Nós íamos dizer "como?" mais estávamos a ponto de desmaiar e nunca mais acordar, então comemos. Não tinham gosto ruim, mas eu vomitei mesmo assim. Me sentia mal, com dor de cabeça. Continuei comendo, porém vomitei mais uma vez e acho que desmaiei. Mas eu via algo. Luzes se mexendo como penas de pavão, um túnel sem fim. Fui andando nele e ia mudando de cores. Transitava de verde e rosa para azul e preto, de branco e laranja para amarelo e cinza. Ia

⁷ Escorbuto é uma doença produzida por falta de vitamina C. Doença típica dos marujos.

seguindo o túnel infinito. E voltavam as cores, e vinham novas. Eu não sentia meus pés. Não sentia mais meu corpo, mas, estranhamente, continuava a andar. Ultrapassei uma porta invisível. Agora andava nos céus, por um momento. Depois, eu caí e fiquei no navio. Nosso barco estava rachado ao meio e nossas velas vermelhas estavam totalmente desarrumadas. Estava totalmente encachado. Logo, vi o corpo de Trinidad lá, parado. Pobre marujo. Mas ele escolheu seu caminho. Mesmo assim, uma lágrima escorreu dos meus olhos e bateu no navio. Como uma gota de orvalho, ela escorregou até a parte rachada. Eu a segui. Vi a gota se pendurar e cair em cima de um bicho com os pelos desarrumados. Era um rato. Mesmo assim, desci. Peguei uma lanterna e vi que eram dois ratos. Eles saíram correndo. Eu via o meu velho quarto de marujo, com suas redes cheias de musgo e pó. Andava entre as nossas redes e canhões, até ver um espaço em branco no final. Deixei minha lanterna para trás e fui correndo. Ultrapassei a luz e acordei. Estava suando. Estava de cara no chão, contorcido. Estava vermelho como um tomate. Eu me virei. Já era o outro dia.



DIA 22 DE OUTUBRO

Eu estava no meio do navio, recebendo sol. Eu vi o cara e seus marujos amarrados. Eu me levantei e lá estava o pessoal, um pouco melhor, consultando um mapa. Eles então me contaram o quê aconteceu. "Ele tinha colocado algum remédio nas frutas que fazia desmaiar, para nos entregar ao duque Emilio Coronado. Quando você desmaiou, nós ficamos sabendo. Nós falamos para o cara que nos traíra a confiança, mas ele contou que era isso que faria, e que iríamos acordar no calabouço. Claro, se não fosse pela Carmen. Ela jogou um monte de frutas na boca do sujeito e ele desmaiou antes de nós. Quando acordamos, ele ainda estava desmaiado, o amarramos no armário, aproveitamos e prendemos os marujos também". Eu comemorei a façanha, mas ainda estava chocado com o quê tinha visto. Mas não falei nada. Eles disseram que pegaram um mapa de um arquipélago ao norte e me mostraram o mapa. Disseram que estávamos perto da ilha Brancorotada. Sugerí pararmos, mas eles disseram que não. Fomos a sala de jantar e pegamos laranjas.

- Essas não são as laranjas drogadas?- Eu perguntei

- Não, não são. Se comerem, vão começar a melhorar.

Devoramos as frutas até ficarmos cheios. Depois, deixamos as coisas como estavam e fomos até a popa. *Mi capitán* pegou o timão e tomou rumo norte. Fomos passando o dia inteiro, navegando sem fazer nada. Até que uma hora vimos uma coisa impressionante: em uma ilha pequena, dois gigantes elefantes. Vimos como se alimentavam de frutos gigantes. Ficamos 30 minutos vendo os elefantes. De noite, passamos por uma ilha com um muro de pedra e um coqueiro enorme. Comemos mais uma dose de laranjas e fomos dormir.

ilha DO co-
queiro →



Ilha do Elefante-
gigante



Ilha-milho



ilha
Brancostrada



ilha
Floriscatum



Castelo Redmont

defesa
de
ilho-
rais

Arquiteto
bigo
bananal



colônia
dos
fazet-
deiros



Terra das uvas



ilhas Niticas

DIA 22 DE NOVEMBRO

Já tínhamos melhorado do escorbuto. Estávamos longe dos dois arquipélagos. Chegamos no mar polar. Fazia muito frio, mas continuávamos. Puxamos as cordas, limpamos o convés, fizemos tudo de um jeito mais lento. Estávamos quase congelados. O dia transcorreu assim. Claro, até aquela hora. Estávamos perto da Rússia, e passamos por uma tempestade forte. O frio era muito ruim, e junto com a chuva, ficava a coisa pior do mundo. Íamos contornado a tempestade, mas Martinez gritou a palavra que nos fez parar:

- Navio espanhol a bombordo!

Era o oposto do lugar que íamos. *Mi capitán* virou o navio a bombordo lentamente. Agora, os navios estavam a ponto de se chocarem. *Mi capitán* saiu do timão e disse:

-Preparem os canhões.

Muitos foram correndo até os canhões, mas alguns ficaram lá. *Mi capitán* foi a borda, onde o duque Coronado estava fazendo performance.

- Ora, ora. Se não é nosso traidor, Dexeter caipora.

- Isso nem fez sentido.

- Hammm!! questionou o duque! Ahhh.. coitado de mim. Me lembrei, são piratas. E sabe o que fazemos com piratas?

- O quê?

- Tatatatata...

- Tá, o que você quer?

- Eu quero você... no meu calabouço. Abrir fogo!

- Abrir fogo!

A batalha começou. Canhões para todo lado. Barulheira. Uma bola de canhão do duque acertou no meio do navio. Muscatar foi consertar. A invasão começou. Muitos vieram com suas espadas e começaram a lutar. Um veio para cima de mim, e eu não tinha arma. Eu comecei a ficar

desesperado. Por sorte, *mi capitán* jogou uma espada dizendo "Pega, garoto!". Então eu peguei a espada e comecei a brandi-la. Eu não sabia como lutar, então só fiz isso. E sem querer, acertei a barriga dele, fazendo ele desmaiar.

- Sorte de principiante.

Saí correndo, e, infelizmente vi que estávamos perdendo. Isso não foi o infeliz. O infeliz foi 30 minutos depois. Ainda estávamos de pé, mas tínhamos perdido muitos. *Mi capitán* estava desesperado. Ele dizia "saíam, saíam!" mas ninguém escutava. Até que ele gritou:

- Saíam!

Todos os marujos foram preparando os botes, mas eu não fui. Eu me recusei a sair de lá. Mas algo me impediu de fazer o certo. Uma bola de canhão. Ela foi vindo e fui puxado para os botes, só ouvindo *mi capitán* dizer "obrigado". Então eu desmaiei. Acordei em uma praia de gelo. Me levantei e lá estavam todos os marujos que sobreviveram. Estava bravo e chateado. Soltei um rugido:

- Por que deixamos ele lá?

- Ele nos pediu para sair, por nossa segurança.

- Por que deixamos ele lá?- Repeti.

- Eu também não queria fazer isso! Não é só você, Joshua!

- Então?

- Ele ficou no navio, e se afundou junto a ele.

Eu me joguei ao chão e chorei como um bebê recém-nascido. Nunca suportei perder um amigo assim. Octopus tirou uma carta de seu livro e disse:

- Capitão deixou isto para você.

Eu peguei e li. Era a receita do seu molho. Estava escrito:

RECEITA DO MOLHO

1 litro de purê de batata

4 colheres de cenoura em cubos

20 azeitonas pretas picadas

3 pepinos em conserva picados

1 colher de vinagre pirata

Eu tive uma ideia. Mas para isso, tinha que perguntar:

- Onde estamos?
- Na Baía de Tártaro.
- Ótimo.



EPÍLOGO

Hoje em dia tenho 37 anos, e abri um restaurante na rua Strøget, no centro de Copenhague. O prato principal é aquele molho, que eu chamei de tártaro, em homenagem aos feitos do passado. Eu não sei o que houve com os outros, mas com certeza estão bem. Então, essa era a verdade, ou não?



